

Musicoterapia em oncologia: Uma experiência de humanização no hospital do câncer HC II – Inca – Rio de Janeiro

PETERSEN, Elisabeth Martins¹
bethpet@ajato.com.br
SILVA, Letícia Batista²

Este trabalho objetiva descrever experiência de estágio de graduação em Musicoterapia realizado no Hospital do Câncer II, Instituto Nacional de Câncer (INCA), em parceria com Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário, e refletir sobre uma prática musicoterápica em unidade hospitalar especializada em oncologia com repercussões no sentido da ampliação do processo de cuidar, considerando a música como veículo de comunicação entre paciente e equipe de saúde, e entre paciente e suas próprias emoções e vivências.

A Musicoterapia é compreendida, no HC II, como estratégia de implementação das diretrizes da Política Nacional de Humanização (PNH) a partir de princípios como: valorização de aspectos subjetivos (via música); mudança do modelo de atenção em saúde – do usuário, do trabalhador e do próprio ambiente hospitalar em que essa prática acontece; troca e construção de novos saberes em saúde; interdisciplinaridade.

A musicoterapia integra as atividades do Hospital desde março de 2003, tendo anualmente dois estagiários como musicoterapeutas, com carga horária de vinte horas semanais.

O atendimento aos pacientes caracteriza-se por abordagens breves, pontuais, nos leitos em que se encontram (enfermarias e CTI) e nos espaços ambulatoriais. Muitas vezes, o contato com o paciente acontece uma única vez. É o estudante de musicoterapia quem vai ao paciente e, num breve contato inicial, busca conhecer sua história musical, com perguntas sobre suas preferências de gêneros, cantores, canções.

¹ Graduanda de Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário, Graduada em Piano pelo CBM e Pedagoga pela UERJ. Coordenadora da equipe de Musicoterapia – CANTORIA com mães da Casa Ronald McDonald. Aluna-pesquisadora de Pesquisa de Musicoterapia em Saúde Mental pelo CBM-CEU. Estagiária de Musicoterapia no INCA-Hospital do Câncer II-HC II no período de maio/2005 a abril/2006.

² Assistente Social do HCII-INCA, mestre em Serviço Social UFRJ e supervisora institucional do Projeto Musicoterapia em Oncologia.

A técnica mais utilizada, em geral, é a da RE-CRIAÇÃO MUSICAL (BRUSCIA,1991,p.7). O próprio paciente escolhe as canções (populares, folclóricas ou religiosas, do seu repertório preferido) para serem cantadas e acompanhadas por instrumentos de percussão de pequeno porte; o musicoterapeuta-estagiário oferece um suporte harmônico (com violão) nesse “fazer musical inter-ativo” (BARCELLOS, 1992) que envolve: paciente/ musicoterapeuta; paciente/ outros pacientes /musicoterapeuta; paciente /familiares /musicoterapeuta; paciente/equipe de saúde/musicoterapeutas.

Nesses momentos em conjunto, o musicoterapeuta-estagiário sugere aos participantes que sejam mutuamente oferecidas canções, estreitando vínculos entre familiares e amigos que visitam ou acompanham e, principalmente, com a equipe responsável pelos procedimentos/atendimentos. É possível trabalhar, assim, a mobilização provocada por certas canções sugeridas pelos pacientes (e/ou familiares).

Por estar presente em várias situações do cotidiano em nossa cultura, a música cantada faz surgirem memórias de pessoas do convívio sócio-familiar; situações de felicidade ou infortúnio; sentimentos de alegria, tristeza, amargura ou júbilo, raiva, culpa, resignação ou aceitação. Os fatos lembrados são revividos, narrados e, muitas vezes, há oportunidade de ressignificações e re-elaborações pelo próprio paciente.

Durante esse período de atividade, as avaliações realizadas após os atendimentos, as manifestações verbais dos pacientes e equipe de saúde e os registros ajudaram a definir linhas mestras dessa abordagem musicoterápica.

A utilização de canções ao vivo, cantadas e tocadas em conjunto por pacientes, musicoterapeutas e equipe (a Re-Criação Musical), tem se mostrado eficaz por fornecer estrutura favorável à liberação da tensão e proporcionar maior contato entre os vários participantes no *setting* terapêutico (BAILEY, 1983, 1984), em enfermarias, ambulatório, recepção do hospital, sala de espera dos exames ou CTI.

A canção escolhida pelo paciente possibilita-lhe restabelecer velhas memórias, melhorar humor, desviar a atenção da dor, ajudar a tirá-lo do isolamento ou estados depressivos, diminuir estresse provocado pela permanência no ambiente hospitalar ou nos procedimentos ambulatoriais (incluindo quimioterapia), confirmando outras pesquisas (ABRAMS, 2001).

O musicoterapeuta pode atuar como facilitador das expressões dos participantes, possibilitando a exploração (mesmo de forma breve) dos pensamentos e sentimentos não-ditos, através da utilização das mensagens verbais das canções.

O aspecto lúdico e prazeroso do trabalho com música proporciona ao paciente a abertura de canais de comunicação para melhor ajudá-lo no enfrentamento da doença e das perspectivas de vida-morte, com possíveis encaminhamentos para atendimentos por profissionais da psicologia.

Em algumas situações, o musicoterapeuta pode lançar mão da Improvisação Musical (BRUSCIA, 2000, p.124), dependendo da disponibilidade do paciente para trabalhar sentimentos difíceis de serem verbalizados.

A aplicação da música e da musicoterapia, nesse contexto hospitalar, pode situar-se tanto na área da prática médica - “cujo foco primário é ajudar o cliente a melhorar/ recuperar/manter a saúde física, [operando também sobre] os fatores psicossociais que influenciam a enfermidade e o bem-estar” (BRUSCIA, 2000, p.167) – quanto na da prática ecológica (BRUSCIA, 2000, p.169) ou comunitária, junto aos membros da equipe de saúde, enfocando tanto o indivíduo quanto o ambiente físico em que estão inseridos como profissionais, ajudando a melhorar e ampliar a relação entre saúde e qualidade de vida.

A experiência musicoterápica no HCII tem objetivado ajudar ao paciente a aperfeiçoar sua capacidade em lidar com situações de doença, internação e tratamento, a melhorar sua auto-estima e contribuir para seu bem-estar geral, por intermédio da música.

Possibilita, ainda, uma integração social no ambiente hospitalar à medida que pacientes, familiares e equipe participam conjuntamente dos atendimentos realizados, respeitando as singularidades na escolha e compartilhamento de gêneros musicais e/ou crenças religiosas.

Também tem demonstrado ser uma possível estratégia de atenção à saúde do trabalhador da saúde, ajudando a diminuir o estresse institucional, oferecendo momentos de algum relaxamento das tensões impostas pelo atendimento, trazendo alegria e descontração ao ambiente hospitalar como um todo.

A inserção da Musicoterapia no Hospital do Câncer II – HC II é, hoje, uma estratégia efetiva para implementação de diretrizes da Política Nacional de Humanização (PNH), caracterizando-se como um espaço de expressão de sentimentos e emoções, auxílio

na diminuição do estresse, focalizando o cuidado do indivíduo de forma global e mais humanizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABRAMS, B. Music, Cancer and Immunity. *Clinical Journal of Oncology Nursing*, v.5, n.5, p.222-224, 2001

BAILEY, L.M. The Effects of Live Music Versus Tape-recorded Music on Hospitalized Cancer Patients. *Music Therapy*.v.3, n.1, p.17–28, 1983.

_____ The use of Songs in Music Therapy With Cancer Patients and Their Families. *Music Therapy*,v. 4, n. 1, p.5–17, 1984.

BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. *Cadernos de Musicoterapia nº 1*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1992.

BRUSCIA, Kenneth. *Case Studies in Music Therapy*. Phoenixville: Barcelona Publishers, 1991, p.7

_____. *Definindo Musicoterapia*. Trad. Mariza Vellozo Fernandez Conde. 2ª ed. Rio de Janeiro, Enelivros, 2000